

Trilogia Assis Reis

arquitetura e urbanismo na cidade
de Salvador **Modelo Reduzido e**
Centro de Identidade Cultural

Márcia Reis e
José Carlos Huapaya Espinoza
Organizadores

2#

O segundo livro da Trilogia Assis Reis, intitulado Modelo Reduzido e Centro de Identidade Cultural, apresenta dois trabalhos do arquiteto considerados por ele como complementares.

O Modelo reduzido da cidade de Salvador foi pensado pelo arquiteto como um instrumento capaz de apoiar o planejamento dessa cidade, mas também como uma forma de contestar as diversas transformações vivenciadas pela cidade ao longo das últimas décadas. Neste livro é apresentada a ideia gestora, a metodologia desse trabalho, as inúmeras dificuldades para a sua elaboração e como, finalmente, foi concretizada através da parceria com os órgãos de gestão pública. O texto complementar diz respeito à ideia do arquiteto de criar um centro cultural para Salvador, fruto da sua percepção durante as exposições públicas do modelo reduzido e de como ele era apropriado pelos visitantes. Esse espaço abrigaria, além de atividades ligadas à nossa história e cultura, o próprio modelo reduzido que ficaria em exposição permanente.

Trilogia Assis Reis

arquitetura e urbanismo na cidade
de Salvador_ **Modelo Reduzido e**
Centro de Identidade Cultural

2#

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-Reitor

Penildon Silva Filho



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Susane Santos Barros

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo



FACULDADE DE ARQUITETURA

Diretor

Sérgio Kopinski Ekerman

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenador

Nivaldo Viera de Andrade Junior

Conselho Editorial

Ana Maria Fernandes

Angela Maria Gordilho Souza

Antônio Heliodoro Lima Sampaio

Any Brito Leal Ivo (Vice-Coordenação Editorial)

Arivaldo Leão de Amorim

Felipe Tavares da Silva

Gilberto Corso Pereira

José Carlos Huapaya Espinoza (Coordenação Editorial)

Márcia Genésia de Sant'Anna

Marcio Cotrim Cunha

Mário Mendonça de Oliveira

Paola Berenstein Jacques

Pasqualino Romano Magnavita

Assis Reis

Trilogia Assis Reis

arquitetura e urbanismo na cidade
de Salvador **Modelo Reduzido e**
Centro de Identidade Cultural

Márcia Reis e
José Carlos Huapaya Espinoza
Organizadores

Salvador
EDUFBA/PPGAU
2023



2023, Assis Reis.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Analista editorial: *Mariana Rios*

Coordenação gráfica: *Edson Sales*

Coordenação de produção: *Gabriela Nascimento*

Revisão e normalização: *Tikinet Edição LTDA.*

Capa e projeto gráfico: *Gabriela Nascimento*

Imagem capa: *Assis Reis*

Revisão de Provas: *Marcelly Moreira e Bianca Rodrigues*

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

R375 Reis, Assis

Trilogia Assis Reis: arquitetura e urbanismo na cidade de Salvador / Assis Reis; Márcia Reis e José Carlos Huapaya Espinoza, organizadores. - Salvador: EDUFBA/PPGAU, 2023.
21,2 MB [PDF] : il.

Modo de Acesso: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38444>

Conteúdo: Livro # 1. Praças – Livro #2. Modelo reduzido e Centro de Identidade Cultural – Livro #3. Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF).

ISBN: 978-65-5630-555-4

1. Urbanização – Salvador (BA). 2. Praças – Salvador (BA). 3. Modelos arquitetônicos – Salvador (BA). 4. Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. I. Reis, Márcia. II. Espinoza, José Carlos Huapaya. III. Título: arquitetura e urbanismo na cidade de Salvador.

CDU – 72(813.8)

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora filiada à:



ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE



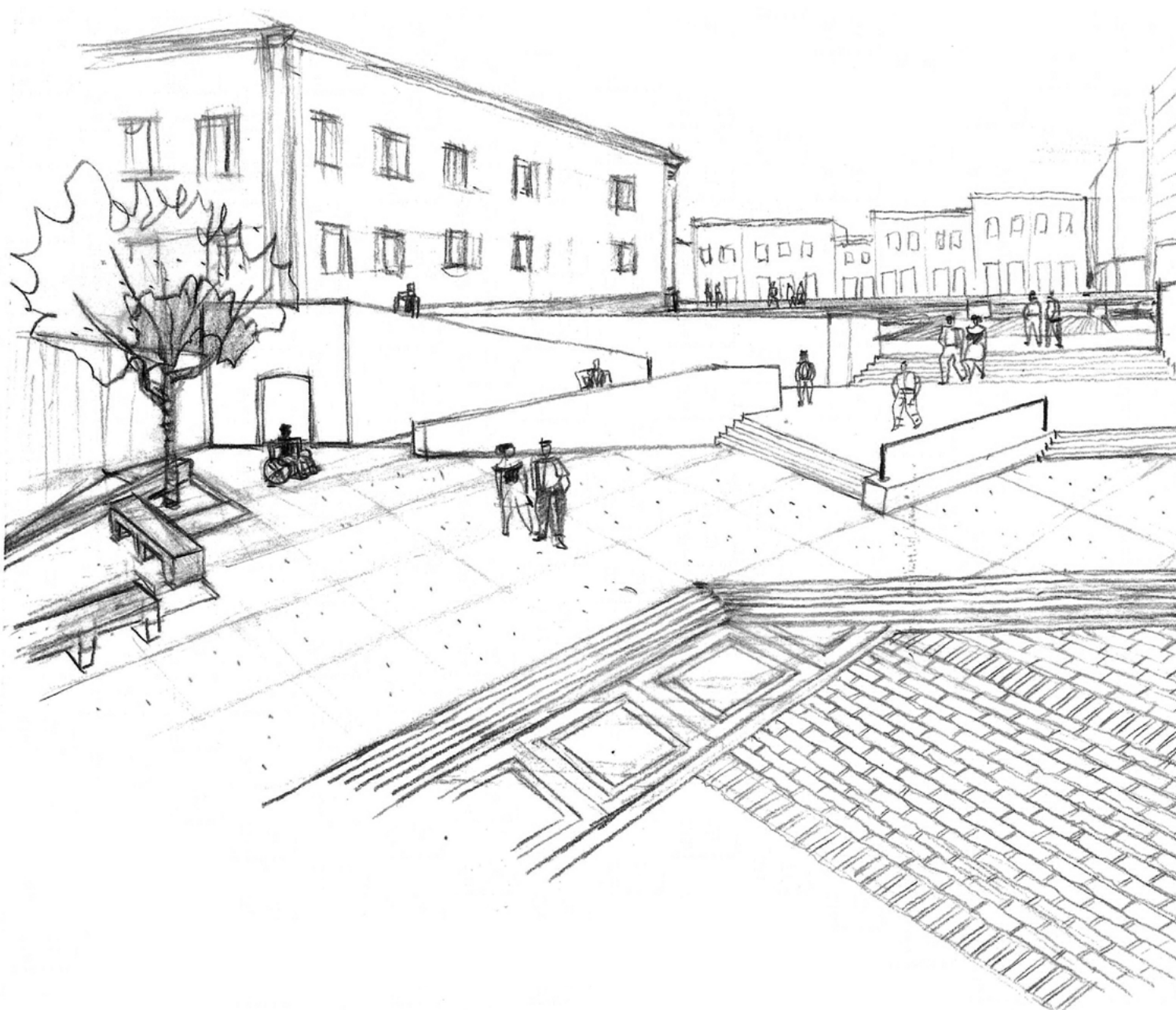
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

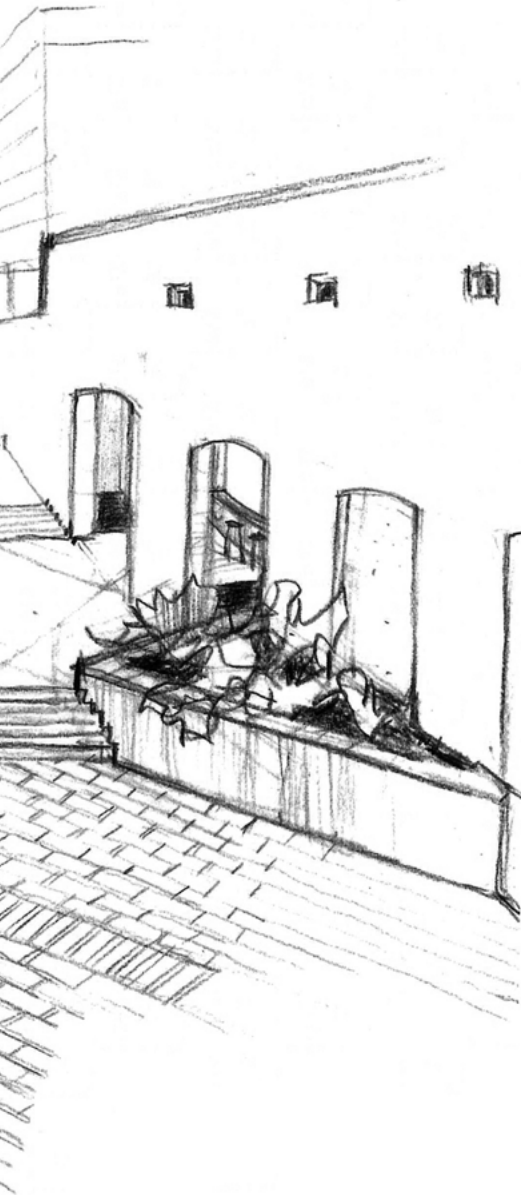
EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina
Salvador - Bahia CEP 40170-115 Tel: +55 (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Para mim, arquitetura são os tempos moldados no espaço
para desempenho e felicidade da vida.

Assis Reis





Sumário 1#_Praças

Apresentação	15
Prefácio	17
Cidade	21
As praças	24
Salvador, <i>locus</i> do meu encontro	27
Sé – sítio sagrado	30
Praça da Sé – projeto	36
Praça da Inglaterra	52
Largo dos Aflitos	59
Largo de Santo Antônio Além do Carmo	64
Largo da Soledade	67
Passeio Público	71
Largo do Pirajá	75
Morro do Cristo	80
Mont-Serrat	83
Largo da Lapinha	87
Praça dos Veteranos	92
Reflexões finais	94
Referências	95





Sumário 2#_Modelo Reduzido e Centro de Identidade Cultural

Apresentação	13
Cortiça, madeira balsa, lixa e arame: elementos da transformação do modelo reduzido da cidade do Salvador	14
Antecedentes	21
A cidade do Salvador em modelo reduzido	25
Maquete de Salvador	41
Assis Reis e a maquete de Salvador: caminhos trilhados	46
As maquetes nas principais metrópoles do mundo	54
Centro de Identidade Cultural da Cidade do Salvador	58





Sumário 3#_Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf)

Apresentação. Dois Franciscos <i>Hugo Segawa</i>	15
Uma gaiola de tijolo flutua nas águas do São Francisco <i>Paulo Ormino de Azevedo</i>	41
Sede Chesf Bahia: ícone arquitetônico preterido <i>Naia Alban</i>	73
A Chesf, de dentro para fora <i>John Taylor</i>	97
Orgulho de ser nordestino: o edifício Eunápio Peltier de Queiroz, sede da Chesf em Salvador <i>Pricylla Girão</i>	105
Influência brutalista na obra do arquiteto Assis Reis: o caso da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) <i>José Carlos Huapaya Espinoza</i> <i>Márcia Silva dos Reis</i>	127

APRESENTAÇÃO

Cidadão e arquiteto atuante em Salvador, senti a necessidade e solidariedade de participar na criação de um instrumento capaz de contestar as inadequadas intervenções provocadas pelo acelerado desenvolvimento da cidade sem planejamento apropriado.

Tornou-se premente criar algo de fácil apreensão e compreensão que extrapolasse os Departamentos Técnicos Municipais para alcançar a população em geral e fortalecer sua autoestima de identificação com a cidade.

Superadas as dificuldades geradas pela grandeza da representação e pela inexistência na prática profissional, nasce com extrema satisfação a ideia do modelo reduzido da cidade do Salvador.

Atualmente considerado patrimônio da cidade e pelo êxito de suas exposições públicas, credenciaram sua publicação permitindo conhecer sua ideologia, os materiais empregados e a tecnologia utilizada.

Apresento, assim, a segunda publicação programada sobre minhas realizações, o modelo reduzido da cidade do Salvador.

CORTIÇA, MADEIRA Balsa, LIXA E ARAME: ELEMENTOS DA TRANSFORMAÇÃO DO MODELO REDUZIDO DA CIDADE DO SALVADOR

Há muitos anos conheci a maquete da cidade de Salvador – ou, como denominada pelo seu idealizador, o arquiteto Assis Reis, o Modelo Reduzido –, que cobre todo o território do município em escala 1/2000. Para apresentar este livro, resolvi revisita-la aproveitando uma das inúmeras estadias nesta querida cidade onde passei a minha infância.

Em visita a Salvador, Solange Araújo, presidente do Departamento da Bahia do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BA), amavelmente me conduziu ao setor da maquete na Fundação Mario Leal Ferreira.

Fui recebida por Maria Elena Albuquerque, que segundo Márcia Reis é a “mãe da maquete” e ao longo da conversa com ela entendi o porquê. Na sala da maquete alguns módulos estavam expostos correspondendo à área central e histórica de Salvador. E, num grande armário, as prateleiras perfeitamente organizadas abrigavam os demais dos 119 módulos de 1m x 1m.

Feita predominantemente em cortiça, madeira balsa e lixa sobre base em acrílico e Eucatex, e com lastro em alumínio, representa a urbe tridimensionalmente com a indicação da estrutura urbana e geográfica. As arquiteturas e o território entrelaçados e amalgamados contrastam com as várzeas, seus rios e lagoas destacando-se no modelo reduzido. A permanente atualização com as novas edificações e urbanização imprime uma diferença nas tonalidades da maquete. A pátina adquirida ao longo do tempo contrasta com as cores da balsa nova.

O mais surpreendente é que a maquete, como objeto em si, única e incontavelmente deve-se muito à dedicação da arquiteta Maria Elena, que há 32 anos atualiza as transformações arquitetônicas e urbanísticas da cidade com uma equipe mínima, mas sempre renovada, de estagiários. Esculpindo cortiça, madeira balsa e lixa, eles vão produzindo a transformação do modelo reduzido da cidade do Salvador, consequência das transformações dessa urbe.

É por esta capacidade grandiosa de formar e agregar pessoas que Assis Reis merece ser destacado, entre muitas de suas outras virtudes. O trabalho em equipe, a vocação para formação e capacitação de profissionais baianos e a sua persistência e determinação em defender seus projetos junto a governos municipais e estaduais. Ideias inspiradoras e atraentes funcionaram ao encontrar gente disposta a abraçar o desenvolvimento das suas propostas, o que aconteceu no caso da maquete, idealizada para apoiar o planejamento urbano da cidade. Não existe projeto sem gestão e Assis, com seu carisma e talento, conseguiu esta proeza.

Também me acompanharam na visita colegas ilustres: o ex-prefeito de Montevideú Mariano Arana, Sérgio Magalhães, presidente do IAB nacional, Elisabete França, Alessandra D'Avila e Fernanda Teodoro. Havíamos estado trabalhando durante toda a semana como jurados num concurso para selecionar propostas e ideias para a urbanização da favela Baixinha de Santo Antônio, no bairro de São Gonçalo.

Embora tenhamos recorrido este bairro e visitado a cidade, naquela sala silenciosa imperou o “encantamento e impacto” produzido pela maquete, tal qual se anunciava no pequeno *folder* que nos fora distribuído ao chegar. O que talvez o *folder* não pretendesse explicar era que “encantamento e impacto”, neste caso, podem ser associados ao fato de a maquete do modelo reduzido ter se transformado em objeto da cultura artística.

Revisitando a trajetória de Assis Reis, voltei-me para os primeiros desafios da sua vida profissional como topógrafo e participante do plano urbanístico da ci-

dade nos idos dos anos 1950. Cenografia urbana e relevo da cidade no modelo reduzido aparecem como aliados perfeitos na intenção subjacente de provocar um debate sobre a edificação no espaço urbano.

Reverendo os argumentos para a construção da maquete, intuo que há um ser político em Assis que expressa sua indignação com o destino do planejamento insípido da cidade e o rumo que ela vai tomando durante os anos de explosão imobiliária. Como controlar e planejar o incontrolável? Qual o instrumento que poderia expor e induzir a uma reflexão mais atenta e democrática sobre os desígnios da urbe soteropolitana? Seria a maquete o centro da resistência do que pode e o que não pode ser construído? Ou do que pode politicamente o planejamento urbano? Seria a maquete o símbolo desta resistência em Assis Reis?

Talvez a resposta seja fruto tardio, pois hoje, observando a maquete, com a cumplicidade dos meus colegas arquitetos, eu poderia sugerir que o modelo reduzido seja considerado uma obra de arte. “Para ser política, para ser resistência, primeiro tem de ser arte, tem de estar disposta à livre experiência dos sentidos, magistralmente materializada em formas, objetos ou pensamentos”, como nos diz Sergio Santeiro.

Desde que o arquiteto e crítico Bruno Zevi anunciou na sua obra de 1948, *Saber ver a arquitetura*, o desinteresse do público pela arquitetura e a falta de uma educação espacial, muita coisa mudou no planeta. A tecnologia da informação digital revolucionou o mundo e, mais recentemente, a arquitetura passou a ser objeto de interesse nas cidades contemporâneas. A cartografia na sua evolução forneceu mapas dos mais singelos até o advento de novas técnicas, instrumentos e tecnologias que culminaram com as fotografias de satélites. O território terrestre hoje pode ser interpretado em toda a sua vasta dimensão. As ferramentas da era digital permitem visualizar tridimensionalmente a maioria das cidades do mundo.

No entanto, o modelo reduzido apresenta aspectos instrumentais imbatíveis no sentido de entender a proporção e o arranjo da cidade de Salvador num olhar

e numa proximidade quase intimista da cidade. Intimismo que Assis buscou na Salvador que adotou e onde viveu uma vida plena, assim como buscou a cumplicidade com a Salvador que tanto amou e conhecia na escala 1:1.

A parceria de Assis Reis com Diógenes Rebouças nos anos 1950 e início dos 1960 representou um momento importante de busca de diálogo entre arquitetura e cidade. E, no seu desenvolvimento profissional posterior, buscou o gesto intencional de assentar suas arquiteturas na cidade soteropolitana, sempre regido por um marco regional que pudesse distinguir o seu trabalho. Essa busca certamente pode ser considerada o ponto de partida para a construção do modelo reduzido. Modelo pensado para ser o instrumento para o trabalho que Salvador precisava.

Na história das cidades buscou-se sempre aparato instrumental para entender o fenômeno urbano. O escocês Patrick Geddes, na tentativa de entender a sua Edimburgo natal, ou seja, o território e a região onde estava localizada a cidade, construiu a “Torre da Perspectiva” (Outlook Tower) e assim permitiu a existência de um centro local de levantamento, onde todos os habitantes poderiam ver e compreender a relação estabelecida entre os lugares de morar e trabalhar.

Falar do modelo reduzido no pensamento do arquiteto Assis Reis é um exercício instigante. Assim, aceitei humildemente o desafio proposto pelas suas filhas Márcia e Lorena ao escrever este texto para o belíssimo livro que ora explica a história-estória da maquete de Salvador. O arquiteto Assis Reis não está mais presente entre nós, mas a magia e entusiasmo com os quais ele contagiava seus amigos e colegas de profissão não deixam dúvidas sobre a luz e a força criadora que ele possuía. O modelo reduzido de Salvador, a famosa maquete, ainda brilha e reluz na permanente vontade daqueles que hoje a administram.

Lembrei-me de outra sugestão do poeta Borges: aquela belíssima fábula que recorda a história daquele imperador que pediu aos seus cartógrafos um mapa em escala 1:1 do território para melhor dominá-lo; hoje, permanecem restos do

mapa onde “moram tribos de mendigos e animais”. Não é o caso da acertada escala da maquete de Assis, mas observando-a me pareceu que, vestido com sua imaculada e eterna roupa branca, nos enviava um sorriso desde um dos painéis. Enquanto a maquete estiver recebendo o carinhoso cuidado dos baianos, sempre estarás conosco. Deus te bendiga, amigo.

Verena Andreatta

Dezembro de 2019



Figura 1

Foto de Assis Reis, década de 1950, no Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (Epucs)
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figura 2

Romeu Coelho, Emanuel Berbet, Enéas Gonçalves, Antônio Carlos Magalhães, Fernando Machado Leal, Diógenes Rebouças, consul dos Estados Unidos, Jane Oliveira Vilares, Odorico Tavares, Godofredo Filho, Olavo Fonseca, Péricles Caldeira, Assis Reis, Orlando Sacramento. Aeroporto Dois de Julho, 1958
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

ANTECEDENTES

Salvador, nascida Fortaleza, implantada em terras de rica geografia ao longo dos tempos, desenvolveu-se de forma orgânica compondo imagens marcantes que se tornaram fontes de criatividade na literatura, nas artes plásticas e na música, inspirando, também, a reprodução em miniatura de seu contexto, ou seja, os modelos reduzidos.

O primeiro deles data de 1717, elaborado em barro durante um ano e meio pelo artista e capitão Manoel de Almeida, com autorização do Governo do Marquês de Angeja, objetivava sensibilizar a Coroa de Portugal com o fim de obter recursos necessários para as obras constantes do Plano de Reformas e Desenvolvimento da cidade.

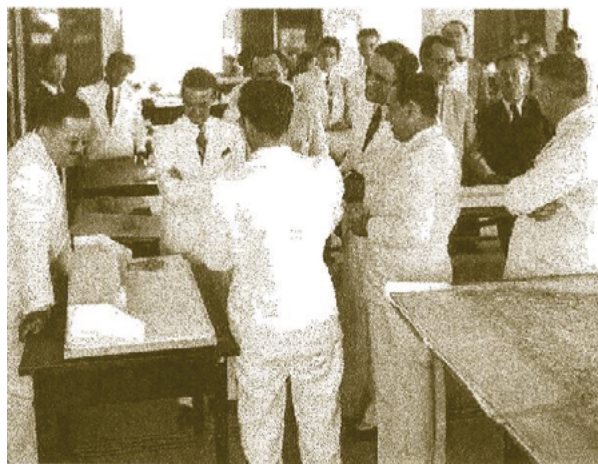
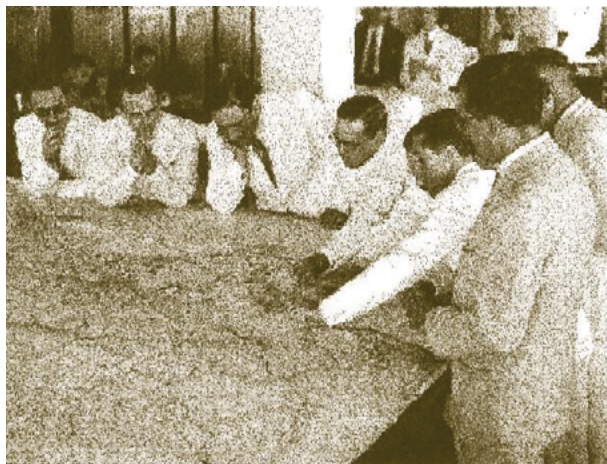
A base para a realização deste modelo foi o levantamento dos conjuntos panorâmicos e partes topográficas específicas de autoria do competente engenheiro João Massé. Na fase final do trabalho, exaltando seus atributos, o modelo recebeu pintura cromática destacando o mar, a vegetação e as edificações. Composto de partes em razão do seu tamanho, foi acondicionado em vários caixotes e embarcado para Portugal.

Após mais de dois séculos, o Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (Epucs) dirigido inicialmente pelo engenheiro Mário Leal Ferreira e posteriormente pelo arquiteto e urbanista Diógenes Rebouças, contrata o professor Jair Brandão, em 1943, para executar o que seria o segundo modelo reduzido da cidade, de aproximadamente 350 mil habitantes, implantada sobre o promontório constituído de um sistema de altiplanos e vales.

O modelo elaborado em duas escalas diferenciadas (vertical e horizontal) exagerava as diferenças de níveis das características geomorfológicas, servindo como

base aos estudos urbanísticos, principalmente, os de drenagem e os de circulações viárias.

Na época, os vales eram utilizados geralmente para cultivo e produção de hortaliças e as cumeadas, para circulação viária e edificações. Ampliados pela escala, os sulcos lineares e articulados dos vales mostrariam com clareza a viabilidade de sua vocação como vias expressas ou *parkways*, como denominava o Epucs. Diante disso, o Plano adotou o modelo urbanístico das vias concêntricas e radiais.



Figuras 3 e 4

Técnicos da prefeitura da cidade do Salvador em visita ao escritório do Epucs

Fonte: Salvador (1976).¹

¹ SALVADOR. Órgão Central de Planejamento. Plano de Desenvolvimento Urbano. *EPUCS: uma experiência de planejamento urbano*. Salvador: OCEPLAN, 1976.

Embora não tenha sido publicado, este Plano de Urbanismo para Salvador permaneceu na tradição oral. Entretanto, conseqüentemente, foi publicado o Decreto-Lei Municipal nº 701/1948, representativo de todo arcabouço de utilização e uso do solo do município.



Figura 5

Diógenes Rebouças. As releituras de suas obras nos espaços da cidade são referenciais e conforto da saudade

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figura 6

Maquete da cidade do Salvador

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

A CIDADE DO SALVADOR EM MODELO REDUZIDO

Salvador apresenta, à época, um acelerado desenvolvimento urbano, apoiado pelo aquecimento da economia regional e fortalecido com a estatização do petróleo brasileiro.

As apressadas intervenções expansionistas, inconscientes ou não dos valores integrantes na nossa cidade, em grande parte comprometeram sua imagem e seu acervo histórico e cultural.

A minha experiência como arquiteto e urbanista e a presença de algumas das minhas obras na cidade, testemunhas da minha preocupação pelos valores culturais, históricos e geográficos locais, criaram em mim um sentimento de inconformidade com a realidade deste descontrolável quadro. Em 1973, encaminho uma carta ao Poder Executivo Municipal, gestão do Dr. Clériston Andrade, versando sobre a necessidade urgente de programar um meio ou instrumento capaz de questionar publicamente as distorções urbanísticas e de servir como fonte de análise e informações para os técnicos e cidadãos, em defesa e preservação dos valores naturais e pré-construídos.

Posteriormente, a argumentação e as finalidades descritas acima, unidas às lembranças produzidas pela contribuição da maquete de 1943 do Epucs durante seus trabalhos de planejamento, serviram de base aos fundamentos da minha idealização do modelo reduzido para nossa cidade.

Convicto, passo a levantar as necessidades humanas e materiais para sua realização:

- Formação de uma equipe composta de arquitetos, artífices, desenhistas, consultoria de alto nível e profissionais da Prefeitura mobilizados com a finalidade de adquirir o *know-how*, assimilar e transferir a cultura visando uma permanente atualização e manutenção do acervo.
- Coleta de projetos em diversos órgãos públicos e empresas privadas.
- Serviços de campo para complementar informações e dirimir dúvidas.
- Uma cobertura fotográfica aérea composta das planilhas dos levantamentos aerofotogramétricos executados para a Prefeitura Municipal em 1956, para a Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste (Caene) em 1965 e para o Grupo de Estudos para os Alagados da Bahia (Gepab) em 1972 – deste último somente os foto-mosaicos da cobertura.
- O prazo de execução e a avaliação dos custos.

Após uma nova aproximação com o Governo Municipal, o Prefeito autorizou a proposta e a realização da maquete da cidade que seria executada no meu antigo escritório de Arquitetura e Urbanismo localizado no Ed. Serra da Raiz, na Rua da Grécia, no Comércio. Sensibilizados, nós, a equipe, comemoramos a feliz notícia ao som de um ultrapassado tango.

Assim, o corpo da equipe foi conformado por:

- idealizador: Assis Reis;
- supervisão e planejamento: Assis Reis, Júlio Valverde e Aurélio Miranda;
- cartografia e serviços de campo: Raimundo Chagas, Milna Leone e Norma Cardoso;



Figura 7

Elaboração da primeira etapa da maquete da cidade do Salvador

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

- artífices: Orlando Vareda, Luiz Antônio de Souza, José Rocha Lima e Pedro Belmonte;
- auxiliares: Francisco Guisepppe Mazzoni, Marcelo Serva da Silva, Pedro Nery, Dévora de Almeida, Frederico Leite Freitas, Arnaldo Pimenta da Cunha, Mauá de Almeida, Laura Carvalho, Dionísio Caribé, Ana Vitória Silva, Juan Carlos Lianos e Carlos Alberto dos Santos.

Orientado pelas coordenadas geodésicas, o dimensionamento do modelo reduzido subordinou-se à técnica específica condicionada à escala vertical e horizontal de 1/2000, estruturada em sistema modular cuja unidade foi de 1m x 1m, cobrindo uma superfície de 49m² correspondente em verdadeira grandeza à superfície de 196km². Seus limites de formato triangular foram os seguintes: ao norte, o subúrbio ferroviário; ao sul, a ponta do cabo de Santo Antônio; ao leste, o litoral oceânico; e ao oeste, a Baía de Todos os Santos.

Através de uma criteriosa pesquisa que considerou a possibilidade de aquisição no mercado, facilidade de uso, durabilidade e efeito estético, os materiais escolhidos para a interpretação do tecido e textura da cidade foram classificados nas seguintes categorias: para a base, uma estrutura de alumínio assentada e parafusada à lâmina de Eucatex de 4mm; para a topografia, lâminas de cortiças de 1mm de espessura; para o oceano e a Baía de Todos os Santos, lâminas de acrílico texturizado com pintura na parte inferior; para os equipamentos urbanos, madeira balsa; para o sistema viário, abrasivo em folha; para jardins ou pátios, papel *craft*; para pontes, metal aramado.

Na fase de montagem da realização da maquete, o primeiro passo foi selecionar o módulo piloto como polo das investigações e da avaliação da problemática executiva, com o fim de alcançar a racionalização das montagens em série e aliviar o prazo estipulado.

Antes da montagem eram preparados, com base na cartografia aerofotogramétrica, os desenhos das curvas de nível da topografia e reproduzidos nas lâminas de cortiça, os arruamentos nas folhas de abrasivo e, posteriormente, as volumetrias das edificações em madeira balsa.

Distribuídos em diversas pranchetas, os módulos foram montados simultaneamente por equipes de artífices e auxiliares, orientados segundo a racionalização conquistada na fase de montagem do módulo piloto sob a coordenação dos arquitetos.

Até o oitavo mês, o trabalho era realizado no horário tradicional, mas, a partir daí, reavaliada a situação do avanço do modelo, tornou-se necessário ampliar a atividade de trabalho convocando novos técnicos e formando uma equipe noturna com parte dos membros da equipe inicial. Durante essa etapa, na alta madrugada, eram perceptíveis os sinais de cansaço em parte dos técnicos e artesãos, que, causados pela precisão natural dos trabalhos impossíveis de dissimulações, provocavam a utilização do espaço abaixo das pranchetas de trabalho como improvisados dormitórios.

A outra parte de maior resistência noturna, ansiosa pela chegada das 5 horas da manhã, esperava pela pontualidade religiosa da tradicional baiana na Avenida da França com seus famosos e nutrientes mingaus de dois sabores, milho e tapioca; era uma festa no local. No retorno, todos, revigorados e restabelecidos pelo milagroso alimento, davam continuidade e disposição às atividades.

Durante o andamento do trabalho, existiu um rico e constante intercâmbio de informações entre arquitetos da Prefeitura e a equipe do modelo; os primeiros, ainda, tinham a incumbência de informar ao Governo Municipal sobre o estado da maquete.

Os módulos finalizados e revisados eram pendurados nas paredes do escritório irradiando efeitos agradáveis e inéditos no ambiente.

Próximo ao final dos trabalhos, recebemos a visita do Sr. Prefeito, interessado em conhecer de perto os detalhes do modelo e a performance dos técnicos, e, após um diálogo de interesses recíprocos, demonstrou elevada confiança nos alcances da mensagem do Governo aos soteropolitanos através da maquete, mensagem assim definida pela equipe:

Ao urbano:

- retomar a visão global da urbe, perdida pelo desorganizado e acelerado crescimento;
- permitir *a priori*, através da visualização, apoios ou questionamentos sobre anúncios de intervenções urbanas;
- ativar um sentido comunitário.

Ao Governo:

- gerar permanente fonte informativa à criatividade e a análises aptas para contribuir no desenvolvimento e equilíbrio da cidade;
- deflagrar franca comunicação ao povo, acrescentando as obras realizadas durante o calendário administrativo;
- avaliar as prioridades de intervenção no contexto da cidade;
- expor subsídios aos planos setoriais e de expansão urbana;
- extrair dados para elaborar possíveis recodificações.

Concluída após onze meses no final de 1974, foi inaugurada a “Exposição da Maquete do Salvador”, em 12 de março de 1975, em ambiente improvisado e ina-

dequado: a parte superior do Elevador Lacerda. O evento, repercutido nos jornais *A Tarde (Maquete da cidade, 12/03/75)* e *Tribuna da Bahia (Inaugurada a exposição da Maquete de Salvador, 13/03/1975)*, promoveram apreciável frequência da população para conhecer sua cidade.

Renovado o Governo Municipal, é imposto incompreensível e triste destino à maquete da cidade – o “depósito do rapa” da Polícia Administrativa –, a conviver com caixotes, tabuleiros, balaios e toda sorte de bugigangas. O traslado do ambiente da exposição provocou fraturas e destroços em parte dos quarenta e nove módulos da maquete.

Durante este exílio inadmissível, pouco adiantou lembrar os princípios e valor deste trabalho, que hoje representa Patrimônio Público.

Somente ao passar injustificável de dois longos anos, surgem as primeiras iniciativas a favor da necessidade de uma utilização parcial: apoiar o novo Plano de Desenvolvimento de Salvador (Plandurb).

Aqueles mesmos profissionais da Prefeitura, que anteriormente participaram da equipe, foram os iniciadores da ação contrária à inércia e em defesa do ciclo vital da Maquete.

Em meados de 1977, comissionados com a minha participação reivindicaram autorização para a retirada do depósito do importante acervo, cujo estado desolador e em franca deterioração precisava pronta recuperação evitando sua perda total. Isso demandava pequenos reparos nas partes mais afetadas e sua transferência para local mais apropriado, o edifício maçônico onde funcionava o Plandurb, em que serviria de base referencial para os estudos deste novo Plano.

Em 1978, convidado para ser Coordenador da Consultoria de Alto Nível no Governo do Prefeito Mário Kertész, apresento um plano de ação objetivando a revitalização e expansão do modelo reduzido da cidade do Salvador para cobrir toda a superfície do município, destacando-se Itapuã, Lagoa de Abaeté, toda a

Av. Luís Viana Filho (Av. Paralela) e o Aeroporto 2 de Julho. A nova superfície do Modelo Reduzido da Cidade do Salvador será de 84m², correspondente em verdadeira grandeza à área de 336km².

Instalado no salão que compreendia o segundo andar do cinema Tupy, na rua J. J. Seabra (Baixa de Sapateiros), deu-se início aos trabalhos da segunda etapa da maquete com a experiente equipe. Inicialmente, foi retirada a massa poeirenta sedimentada na superfície dos módulos, conserto das fraturas existentes, substituição de partes irrecuperáveis, reparos na rigidez estrutural e reposição de equipamentos urbanos.

Depois dessas ações, avaliamos a necessidade de 35 módulos a serem criados, que, somados aos 49 já existentes, totalizariam o modelo reduzido em 84 módulos. Durante a elaboração, participaram mais três arquitetos: como coordenador, Francisco Guiseppe Mazzoni, que voltara da Itália após um curso de especialização, e, no planejamento, colaboraram Raimundo Chagas e Márcia Reis. No processo, à exceção de pequenos problemas próprios da circunstância, os trabalhos progrediram normalmente até a sua conclusão em 1980.

Adiante, interessado em conhecer a maquete, recebemos a visita, no nosso escritório, do ilustre catedrático da Universidade de Viena e do Centro Internacional de Roma, Prof. Hans Foramitti. Após uma agradável e interessante troca de conhecimentos comigo e com toda a equipe de trabalho, advertiu da grande importância e utilidade do modelo reduzido não só para nossa cidade, mas, também, para o Brasil e a América Latina.

Em julho do mesmo ano, a Prefeitura programou a segunda “Exposição do Modelo Reduzido”, desta vez, em um local propício para o evento, o *foyer* do Teatro Castro Alves. A exposição foi acompanhada por um texto da minha autoria, com aval do Prefeito, no qual refletia sobre a situação da nossa cidade:

A realidade da atual Salvador apresenta-se como uma grande cidade da América Latina sob um processo acelerado e desequilibrado de urbanização, comprometedor da estética da paisagem urbana, acrescida acima de tudo, pela industrialização de sua Região Metropolitana geradora, ainda, de duas problemáticas: as intraurbanas e as causadas pelo relacionamento dos satélites industriais (Petrobrás, CIA e Polo Petroquímico).

A cidade torna-se cada vez mais inadministrável, exigindo ações descomunais ao governo, em procura de intervenções e definições de parâmetros de qualidade de vida urbana, referenciados na defesa e revitalização dos valores históricos integrantes da memória nacional.

A racionalização de um sistema de drenagem, contenção das encostas, revitalização da Zona Central, controle do super adensamento dos bairros nobres com infraestrutura saturada, ocupação dos claros existentes, defesa do patrimônio vegetal, criação de espaços de lazer para o corpo e espírito, circulação viária e introdução de transportes coletivos em níveis qualitativos, saneamento básico e infraestruturação das ocupações espontâneas, ocupação dos vetores de expansão já infra estruturados, programas habitacionais que atendam principalmente às populações de renda mais baixa, impõem atualizadas normas de uso do solo, parecendo constituir-se no principal inventário para a ação governamental.

Na relação da cidade com seus satélites industriais, crescem o problema do transporte público e o atendimento habitacional.

Este modelo reduzido do Salvador, traduz a cidade duas mil vezes menor de sua dimensão real. Intenta, exhibir com precisão, o valor

do seu repertório geográfico, cuja ordem de grandeza destaca o Oceano Atlântico, a Baía de Todos os Santos, a falha geológica (escarpa divisória da Cidade Alta e Baixa), os rios, riachos, córregos, os vales, os grotões, as encostas e os altiplanos.

Sobre este promontório de singular topografia, assento do nosso sítio, apresenta-se tridimensionalmente o acervo arquitetônico, urbanístico e viário da cidade. Tenta-se transmitir os alcances de sua mensagem ideológica e cultural:

ao Urbano

- retomar a visão global da URBE, perdida pelo desorganizado e acelerado crescimento;*
- estender e facilitar a formação de uma consciência do acervo histórico e ecológico da cidade;*
- permitir à priori, através da visualização, apoios ou questionamentos sobre anúncios de intervenções urbanas;*
- ativar um sentido Comunitário;*

ao Governo

- gerar permanente fonte informativa à criatividade e análises, capazes de contribuir no desenvolvimento e equilíbrio da cidade;*
- deflagrar franca comunicação ao povo, acrescentando as obras realizadas durante o calendário administrativo;*
- apoiar o turismo;*
- avaliar as prioridades de intervenção no contexto da cidade;*
- expor subsídios aos planos setoriais e de expansão urbana;*
- extrair dados para elaborar possíveis recodificações.*

Interessado em analisar minha posição teórica, seus acertos ou não, sobre o comportamento das pessoas diante da cidade em modelo reduzido, estive presente no período de suas exposições.

De todas as exposições acontecidas, posso destacar duas. A primeira, em 1980, no *foyer* do Teatro Castro Alves e a segunda na XII Bienal Internacional de Arquitetura em setembro de 1993 no Parque Ibirapuera (SP).

Durante a primeira exposição, flagrei uma família – uma robusta baiana com seus dois filhos – procurando sofregamente encontrar a presença da sua casa na maquete; quando descoberta, ela e os filhos manifestaram uma solidária e animada vibração e, a partir daí, passaram a referenciá-la aos principais símbolos urbanos: balizavam o Elevador Lacerda, as praças sagradas, o estádio da Fonte Nova, o Dique do Tororó, o Forte de São Marcelo, a Concha Acústica do Teatro Castro Alves, o Campo Grande, o Farol da Barra, entre outros. Esse fato me provocou uma especial emoção. É a partir daí o florescer embrionário da ideia de criar um organismo que sistematizasse os depoimentos decifráveis pelas linguagens das arquiteturas e dos ambientes urbanos.

A exposição da maquete na XII Bienal Internacional de Arquitetura foi importante devido à sua comunicação e repercussão internacional. Após oficializada a aceitação do convite, feito pelo Presidente da Comissão Executiva, arq. Ciro Pirondi, começamos a preparar pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Salvador a operação de traslado da maquete a São Paulo por via aérea. Acondicionados em caixotes de madeira de pouco mais de 1m x 1m divididos horizontalmente em gaveteiros de uma altura de 20cm cada, fixados de modo a prever acidentes, foram acomodados com segurança cinco módulos da maquete, contabilizando um total de 17 caixotes para embarque.

Foi anexado um relatório, instruindo das recomendações e especificações necessárias de como deveria ser desmontada e montada a maquete no local da exposição. Também foi feito um substancial seguro contra acidentes no percurso.

Exibida em um confortável espaço, atraiu uma grande população nacional e internacional documentada pela comissão organizadora. Como convidado também estive presente nesse evento e, observando a maquete, não foi difícil sentir a imagem de seu alcance produzida pela estética da sua configuração e qualidade monocromática, assumindo valores de autêntica obra de arte.

Quando criada a Secretaria de Planejamento Fundação Mário Leal Ferreira, foi incorporada na sua estrutura o Modelo Reduzido da Cidade, ocupando espaço apropriado, dotado de equipamentos e instrumental específico à manutenção, restauração e acréscimos pontuais e complementares. Esses trabalhos são coordenados pela competência da arquiteta Maria Helena de Albuquerque, credenciada pela segura experiência adquirida na sua participação na segunda fase de elaboração da maquete, exposta em 1980.

Passadas mais de duas décadas daquela exposição, Salvador apresenta-se como desfocada e amesquinhada nas suas qualidades autênticas, tornando-se cidade perdedora, vulnerável à globalização e ao furor da especulação imobiliária.

Assim, atualmente, ao visualizar-se o panorama da cidade, revela-se a imagem de uma urbe desnordeada, sem escala, verticalizada, precipitando-se a uma metrópole qualquer, sem caráter, descartando aqueles valores genéticos, erodindo ou arruinando sua antropogeografia e anuviando a memória.

Tão angustiante cenário levou-nos a rever os alcances previstos na mensagem do Modelo Reduzido em 1980.

As variadas frequências de pessoas nas diversas exposições da maquete e sua divulgação pela mídia, creditam avaliar que os valores do contexto urbano do Salvador foram assimilados e conseqüentemente aliados ao fortalecimento da consciência comunitária. Outros propósitos dependentes da ação governamental sobre a maquete foram esquecidos ou omitidos.

Desse modo, a parcialidade dos alcances da mensagem e outras necessidades emergidas desta, foram assinaladas em consequência, principalmente, da espontânea atitude de uma família na ventura de procurar sua própria casa no território da maquete quando exposta no *foyer* do Teatro Castro Alves. Talvez o maior alcance tenha sido acidental, mostrando-nos a possível criação de uma parceria que sensibilize a gestão e a todos os cidadãos com vista a um destino justo à cidade.



Figuras 8 e 9

Exposição da Maquete da Cidade do Salvador no Elevador Lacerda, 1975

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

Outras exposições aconteceram:

Março de 1975	Elevador Lacerda (Maquete parcial)
Julho de 1980	Foyer do Teatro Castro Alves
Novembro de 1980	Palácio Rio Branco
Outubro de 1980	Centro de Convenções
Março de 1982	Shopping Center Iguatemi
Julho de 1982	Teatro Castro Alves (Independência da Bahia)
Outubro de 1982	Centro de Convenções / Congresso Brasileiro de Arquitetura
Outubro de 1985	Centro de Convenções/FERNAC
Setembro de 1993	XII Bienal Internacional de Arquitetura no Parque Ibirapuera/SP
Dezembro 1994	Memorial de Medicina/Escola de Medicina no Terreiro de Jesus.
Março de 1995	Shopping Barra/Salvador 446 anos
Junho de 1995	Othon Palace Hotel/Seminário Habitat II
Março de 1996	Othon Palace Hotel/IV Conferência Internacional CIDEU
Mai de 1996	Centro de Convenções/I FIC BAHIA
Março de 1997	Shopping Barra/Salvador 448 anos
Julho de 1997	Centro de Convenções/INFOBAHIA
Setembro de 1998	Liceu de Artes e Ofícios
Setembro de 2002	Centro de Convenções/ Expoconstrução BAHIA
Setembro de 2003	Centro de Convenções/Expoconstrução BAHIA
Agosto de 2005	Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia/II Seminário de Requalificação Urbana e Cultura da Cidade
2006	Shopping Barra



Figura 10

Exposição da Maquete da Cidade do Salvador no Shopping Barra, 2006

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figura 11

Maquete da Cidade do Salvador com destaque para o Estádio da Fonte Nova
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

MAQUETE DE SALVADOR

PRIMEIRA ETAPA

1974. Luís Antônio (Biguá) Souza me chamou para trabalhar na maquete da cidade, no escritório de Assis. Ele sabia das minhas habilidades com o desenho e as artes e, como bom “olheiro”, estava catando artífices para sua realização. Ora, eu tinha passado há pouco de engenharia para arquitetura, no ano anterior, e Assis era então um completo mito para nós. Fui trabalhar lá porque era no escritório de Assis, um privilégio para os simples mortais. Chegando lá tive que me deparar com a divisão de classes: na sala 1, reinavam, além do chefe (Assis), os artífices *seniors*, idealizadores e mentores da maquete, entre eles o Biguá. Na sala havia móveis decentes, biblioteca elegante e até uma vitrola acompanhada de inúmeros LPs (lembram? hoje são chamados discos de vinil); na sala 2, ficava a patuleia que elaborava de fato a maquete, em inúmeros módulos sobre mesas planas abarrotadas de instrumentos de corte, marcação, polimento etc., mais madeira balsa, cortiça, cartografia e fotos espalhadas por todo canto. Foi neste mar que eu mergulhei.

Logo, logo, percebemos que a porta de *blindex* que separava os dois ambientes era mais permeável do que parecia. Transitávamos serelepes entre as duas salas, com a desfaçatez dos estagiários, e curtíamos alegres aquele ambiente relaxado, quase permissivo, que configurava o escritório de arquitetura do nosso arquiteto maior, realizando, entre tantos projetos notáveis para a cidade, os 49 módulos da primeira etapa da maquete de Salvador, na escala de 1:2000, que, pasmem, ia somente até a lagoa de Pituacu e o Centro Administrativo da Bahia (CAB), já que para além disso a cidade ainda era bastante inexpressiva. Concentrei-me nas minhas tarefas e mostrei a minha raça de artesão; com pouco tempo os *seniors*

começaram a me passar tarefas mais complexas, até me encarregarem de reproduzir naquela escala a faculdade de arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de Diógenes Rebouças. Respondi à altura, fazendo-a nos mínimos detalhes (incluindo a escada helicoidal que se abre para o vale), um dos meus orgulhos naquela maquete, mesmo sabendo que, pela sua localização geográfica na cidade, seria vista de uma distância de mais de 3m. Arroubos da juventude!

As festas do escritório eram um capítulo à parte. Assis e seu *staff* da sala 1 não perdiam uma oportunidade sequer de organizar um arerê, nas sextas ou nos sábados, no apartamento de alguém, que terminavam, invariavelmente, com o raiar do dia e com todo mundo ébrio.

1975. Hora de inaugurar a primeira etapa no salão alto do Elevador Lacerda. Virotos e mais virotos de trabalho, inclusive no dia do traslado que teve que ser feito improvisadamente, em ônibus da prefeitura, com os módulos que não poderiam ser empilhados apoiados sobre os bancos. A inauguração foi um sucesso, a cidade se orgulhava de ser uma das oito do mundo a possuir um modelo em 49m², de fino artesanato, com todos os seus elementos estruturais reproduzidos em escala minúscula. Maior espetáculo de ludicidade não poderia haver.

Problemas de exposição e depósito se configuraram a partir de então. As partes da cidade que ficavam interiores à orla marítima eram vistas muito ao longe e seus detalhes não eram percebidos; os módulos não podiam ser empilhados, no momento de guardá-los. Nada disso empanou o brilho deste instrumento do planejamento urbano, tão oportunamente idealizado pelo mestre Assis, num raro momento em que a prefeitura da cidade se voltava mais para o planejamento da cidade que para as grandes obras, de caráter eleitoreiro.

Fim do primeiro tempo. O que seria da patuleia da sala 2, com a inauguração da maquete? O previsível: houve uma triagem entre os artifices *seniors* enquanto os *juniors* seriam todos demitidos, menos um, eu, Chico Mazzoni, escolhido por Assis para continuar sendo assistente de Julio Valverde, seu maquetista mor.

E lá fiquei eu, mais três anos, por fim substituindo Júlio, quando ele saiu, fazendo toda sorte de maquete de projetos de Assis e aprendendo tudo o que eu sei sobre arquitetura, até hoje.

SEGUNDA ETAPA

Os anos se passam e logo a prefeitura percebe que a Avenida Paralela havia levado a cidade para os seus limites; logo, a sua maquete, instrumento do planejamento urbano, também precisava acompanhar este crescimento do vetor Norte. Assis é chamado então para, desta vez, montar um grupo de trabalho vinculado à própria prefeitura, para dar seguimento aos trabalhos da maquete, atualizando-a e ampliando-a até Lauro de Freitas para incorporar, inclusive, o aeroporto Dois de Julho.

O grupo foi montado e começou a trabalhar nos fins dos anos 1970. Neste ínterim eu havia me graduado e em seguida obtido uma bolsa, do governo italiano, para me pós-graduar. Passei dois anos na Itália e, no retorno, encontro Assis num seminário sobre inventário do patrimônio e ele me chama para ser seu assistente, na supervisão dos novos trabalhos da maquete de Salvador.

Fiquei alguns meses trabalhando no próprio escritório de Assis que pretendia criar uma estrutura definitiva para a maquete, no então “cemitério de Sucupira”, onde hoje há o Palácio Tomé de Souza, cometido por Lelé. Tratava-se de um edifício que preencheria a lacuna na praça, deixada pelo carlismo, chamado Centro de Informação Municipal (CIM), onde os cidadãos teriam várias informações da máquina administrativa e poderiam ver a nova maquete, em várias galerias e pontes, resolvendo definitivamente os dois citados problemas que surgiram na ocasião da inauguração: a visibilidade de toda a cidade e o assentamento definitivo dos módulos, dispensando a necessidade de depósito. Além deste projeto, Assis pretendia ainda fazer uma maquete focando o Centro Histórico, na escala de 1:500,

extremamente necessária naquele momento em que Salvador transformava-se em Patrimônio da Humanidade (foi até produzido um módulo piloto, mas não progrediu), e a maquete do Recôncavo, na escala de 1:10.000, pontuando as cidades históricas, que também não foi adiante.

A cidade se alterava em ritmo frenético e o grupo de trabalho da maquete teve muito o que fazer para colocá-la em dia e ampliá-la até o seu perímetro urbano, dando finalmente uma noção do que era esta cidade triangular que se expandia, já sem o devido controle. Várias questões de sucessão política fizeram com que os vários projetos pretendidos por Assis, em relação à maquete e às outras maquetes, ficassem cada vez mais nas gavetas, enquanto seu grupo de trabalho, cada vez mais reduzido, consolidou-se como uma repartição pública, com a mera função de atualizá-la e de prepará-la, episodicamente, para exposições, em geral em *shopping centers*, únicos momentos em que a cidade tem contato com sua bela maquete.

Fiquei alguns anos como assistente da supervisão deste grupo, trabalhando agora com os 84m² da maquete estendida. Depois segui por outros caminhos quando constatei que, infelizmente, não havia vontade política de que aquilo fosse adiante.

Passados quase 40 anos de sua inauguração, a falta de um espaço para a sua exposição definitiva continua, ainda hoje, como uma doença crônica que perpassa todas as administrações municipais e obrigada a maquete a ser “arrumada” num armário especial com trilhos, onde os módulos se superpõem, mas não se tocam. Os módulos são retirados, atualizados, restaurados e voltam a fazer naquele armário, em que pese a resistência e obstinação da arquiteta Maria Helena Bonfim (que acompanha a maquete desde o início da segunda etapa) e sua pequena equipe, em manter a maquete para que, quem sabe um dia, decida-se reconhecer seu valor, seja como instrumento de pesquisa para a requalificação urbana, seja como elemento de identidade e informação para a população.

Eu, da minha parte, faço o que posso: levo alunos, a cada semestre, para uma aula sobre evolução urbana de Salvador e ali, literalmente espremidos entre os poucos módulos que podem ser armados e o armário especial de depósito dos módulos, os meninos se encantam com esta belíssima peça que jaz na pequena sala dos fundos de um órgão público.

Chico Mazzoni

Dezembro de 2019

ASSIS REIS E A MAQUETE DE SALVADOR: CAMINHOS TRILHADOS

Estagiar na equipe que iria restaurar a renomada Maquete da Cidade do Salvador, foi um sonho que vi concretizado ao receber um “sim” do seu criador e supervisor, Assis Reis, então meu professor em Planejamento Urbano na Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA).

Antes, teria que passar por um estágio de seis meses no Escritório no Edifício Serra da Raiz, lá no Comércio. E assim foi feito. Período rico, quando aprendi convivendo com profissionais da melhor qualidade, num ambiente onde se respirava cultura e bom humor, regado a boa música. Escritório aonde retornei tantas vezes para integrar a equipe, sempre que Assis desenvolvia um projeto e uma maquete precisava ser elaborada. Exigência dele para que a apresentação sempre exibisse uma representação tridimensional do projeto.

Nesse período Assis conseguiu finalmente resgatar a Maquete, que por mais de dois anos estivera equivocadamente num depósito da Prefeitura Municipal de Salvador onde se guardava material apreendido de ambulantes. A Maquete fora deixada neste local após sua primeira exposição realizada no final de 1975, no térreo do Elevador Lacerda.

Após o resgate, em 1978, a Maquete foi transportada para o Edifício Maçônico, no centro da cidade, e transferida em 1980 para a sobreloja no Edifício Cine Tupi, na Baixa dos Sapateiros, onde passei a integrar a equipe.

Formada uma equipe com pouco mais de 20 técnicos, dentre arquitetos, artesãos e estagiários, Assis conduziu os trabalhos principiando por restaurar as partes danificadas dos 49 módulos que até então compunham a Maquete. A ampliação em mais 35 módulos foi laborada durante os dois anos seguintes, quando ela totaliza 84m².

Em julho de 1980, oportunamente em comemoração ao feriado de 2 de julho, uma grande exposição, a segunda da Maquete, aconteceu no *foyer* do Teatro Castro Alves, quando ela foi apresentada à cidade em sua forma ampliada.

Diversas exposições aconteceram ao longo desses anos e muitas foram significativas. Uma especial aconteceu em setembro de 1992: a II Bienal Internacional de Arquitetura Programa Território e Cidade no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Acompanhá-la neste grande evento internacional foi um desafio, aceito graças ao apoio e incentivo de Assis, que mais uma vez me indicava caminhos.

Existem muitos percalços nesses grandes eventos, principalmente quando envolve um número expressivo de expositores e de nacionalidades diversas, quanto à montagem dos estandes, por causa do tempo e mão de obra disponível. A distância não impediu que diariamente, via telefone de Salvador, Assis me passasse as orientações necessárias. Ao final, a exposição visitada por mais de 3 mil pessoas foi um sucesso comprovado por ele quando chegou à Bienal, no encerramento, em que participou como convidado palestrante.

Os trabalhos seguiram no Edifício Cine Tupi até o final do ano de 1992, quando houve a transferência para o Edifício Sândalo no Campo Grande, onde funcionava o Centro de Planejamento Municipal (CPM). Em 1994, com a transferência do CPM para a Av. Vale dos Barris, nº 125, o setor da Maquete também passou a funcionar no mesmo endereço, onde permanece até a data de hoje.

Neste espaço, são armados pequenos trechos da Maquete, em atendimento a professores e pesquisadores das Instituições de Ensino que utilizam a Maquete como instrumento didático em aulas práticas referentes ao espaço urbano. Sempre que necessário, através de uma solicitação oficial, a Maquete é transportada para exposições externas em grandes ambientes como universidades, *shoppings*, Centro de Convenções etc.

A Maquete é mantida e atualizada por uma equipe permanente, hoje ligada à estrutura da Secretaria Municipal de Urbanismo (Sucom), dentro da Coordenação

Central de Informação e Produção de Indicadores Urbanos e Ambientais (CIN), no Setor de Modelos Reduzidos (Semor), da Prefeitura Municipal do Salvador.

O trabalho rotineiro na Maquete consiste em implantações atualizadas de equipamentos e da malha urbana, assim como restaurações de partes danificadas. Está em curso, desde 2014, a confecção de novos módulos, importante intervenção no seu dimensionamento. Neste período também, para facilitar a visualização nas exposições, as partes referentes ao mar foram retiradas, definindo o atual formato da Maquete em 62m².

Nestas ações são utilizados o Sistema Cartográfico da Região Metropolitana do Salvador (Sicar/Conder) de 1992, o Sistema Cartográfico e Cadastral do Município de Salvador (Sicad) de 2006 e a Cartografia do Sistema Eletrônico de Informações da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (SEI/Conder) de 2010, além de projetos executivos de sistema viário e projetos de empreendimentos aprovados pela Sucom.

A Maquete em seu estágio atual representa 183,40km² (ou 65,85%) da área continental do município de Salvador, que abrange uma área de 304,01km² incluindo as ilhas (25,5km²).

Os ensinamentos adquiridos na faculdade com o professor Assis Reis me possibilitaram o ingresso no estágio do Escritório, onde, além da experiência profissional, tive convívio com pessoas admiráveis que se traduz também em aprendizado de vida: Glória, Silvinha, Caribé, Wolney, Felipe, além de suas filhas Márcia e Lorena e tantos outros que lá conheci.

No dia a dia e nas reuniões informais ou executivas para definir rumos dos trabalhos na Maquete, percebia-se um bem-humorado dirigente que conduzia os grupos de trabalho tanto do Escritório quanto da Maquete da Cidade, sutilmente evidenciando uma inteligência emocional, característica do seu espírito. Cada um, sob a orientação de Assis, sabia como desempenhar o seu papel. Ensinava como não perder o foco profissional, sem deixar de ter leveza nos relacionamen-

tos com os demais, e deixava implícito ser possível ter o respeito dos seus liderados sem precisar alterar o modo, o tratamento. Bom de ver e de aprender.

Quando Assis abriu espaço para o meu estágio na Maquete, meus caminhos profissionais foram se definindo, me levando ao contrato com a Prefeitura Municipal de Salvador, logo após o término do curso na FAUFBA, quando me inseri, já como técnica, no Setor da Maquete, onde ainda me encontro na Coordenação do grupo de trabalho.

Seja para análise técnica ou para simples contemplação, este singular patrimônio que é a Maquete da Cidade do Salvador, na escala 1/2000, é o único modelo reduzido dinâmico de cidade do mundo, por ter a peculiaridade de ser atualizada à medida que a cidade cresce e se transforma.

Assis nos deixou sem ver edificado o seu projeto do tão sonhado Centro de Identidade Cultural, onde a Maquete seria instalada adequadamente. Neste Centro, além da exposição permanente, haveria a imprescindível oficina, onde os técnicos dariam continuidade aos trabalhos de atualização e manutenção geral nos módulos que a compõem, mantendo a característica da atualização diária. Exibiria também outras maquetes, inclusive uma da cidade do Salvador no século XIX, outra do Recôncavo Baiano, além de acervos que documentariam a história num resgate da memória da cidade.

Publicado pela primeira vez na revista Arquitetura e Urbanismo (AU) em 1986 e atualizado em 2009 e 2010, o projeto do Centro de Identidade Cultural é uma realidade, demonstrando que o sonho continua vivo e que concretizá-lo seria uma bela homenagem, uma forma de eternizar, através de mais uma significativa obra construída, a história do Arquiteto, Urbanista, Professor e Doutor, o grande Mestre, Assis Reis.

Maria Helena Albuquerque

Dezembro de 2019



Figura 12

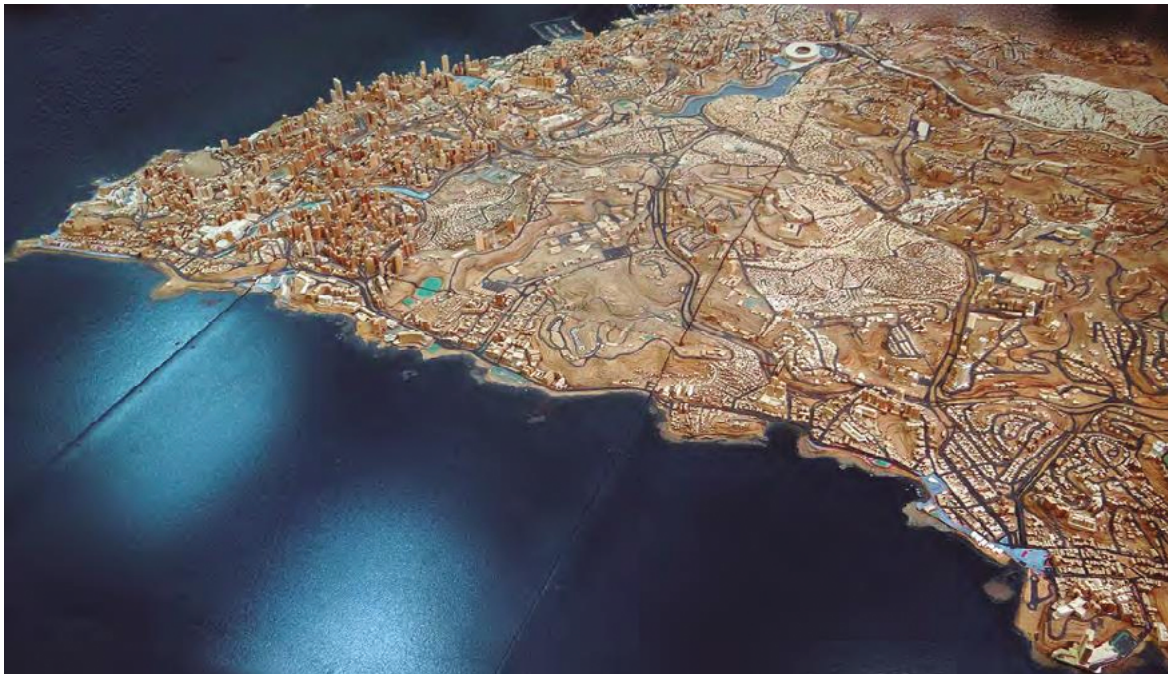
Modelo reduzido da cidade de Salvador

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figura 13

Modelo reduzido da cidade de Salvador
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figuras 14 e 15
Modelo reduzido da
cidade de Salvador
Fonte: arquivo pessoal
de Assis Reis.



Figura 16

Modelo reduzido da cidade de Salvador
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

AS MAQUETES NAS PRINCIPAIS METRÓPOLES DO MUNDO

Demonstrar o patrimônio da cidade é a necessidade básica de comunicar aos seus habitantes a dimensão do valor do sítio, seguida da efetiva contribuição para os gestores públicos se apropriarem da evolução e do equilíbrio da urbe.

A maquete de Roma se destaca pelos críticos como a melhor elaboração técnica de maquete de uma cidade. Livros já foram escritos tratando dessa maquete e da sua importância.

Pelas escalas adotadas, a maquete da cidade de Jerusalém chama a atenção, aproximando-se mais da realidade.

A maquete da cidade do Salvador, de nossa autoria, fundamenta-se na desorganização do tecido urbano causada pela falta de planejamento e comunicação com os seus habitantes.



Figura 17

Maquete da cidade de Roma

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

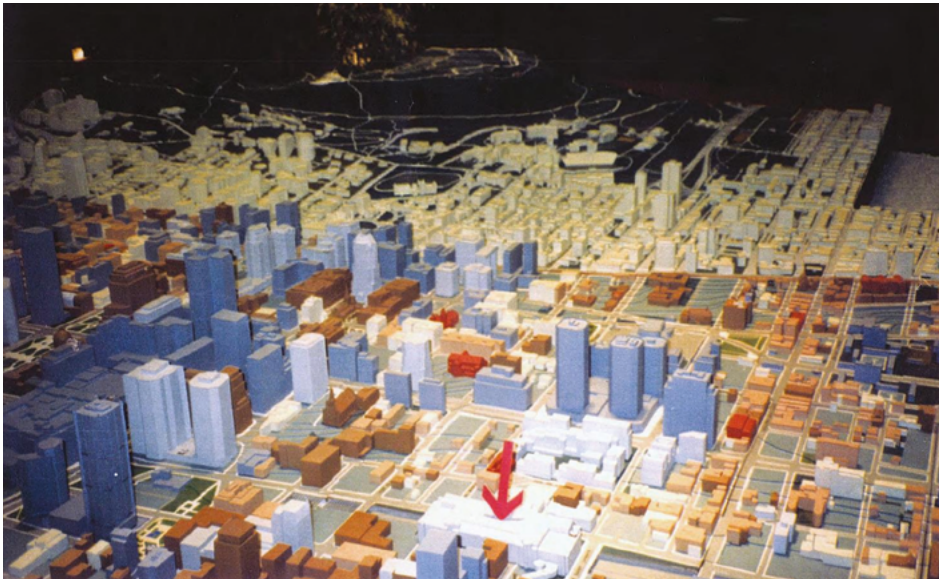


Figura 18
Maquete da cidade
de Toronto
Fonte: arquivo
pessoal de Assis Reis.



Figura 19
Maquete da cidade
de Jerusalém
Fonte: arquivo
pessoal de Assis Reis.



Figuras 20 e 21
Maquete de Brasília, DF
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

CENTRO DE IDENTIDADE CULTURAL DA CIDADE DO SALVADOR

Em 1980, durante a exposição do modelo reduzido da cidade do Salvador no *foyer* do Teatro Castro Alves, curioso, me fiz presente para apreciar as reações do público diante daquela miniatura da cidade inteira. Chamou-me a atenção o comportamento ávido de uma robusta senhora, acompanhada dos filhos, procurando descobrir, de todos os modos, sua casa na maquete; finalmente, quando descoberta, manifestaram tumultuada alegria, quadro marcante no meu espírito. Ali estava o primeiro sinal da ideia embrionária que deu origem a um Centro de Informações capaz de decodificar os espaços da cidade, forjados ao longo do tempo à sua identidade.

Início, então, a pesquisar e estudar as razões científicas componentes de um Centro de Identidade e sua exibição didática. Seguiu-se a necessidade do amparo de uma entidade existente, da mesma natureza. Com malas prontas, embarco, a fim de conhecer o Museu de Antropologia do México, para identificar a capacidade dos seus componentes na apresentação, os meios tecnológicos de exibição e a estrutura de administração, manutenção e serviços, avaliando os espaços necessários.

Entretanto, foi inesquecível a cena da longa fila de acesso das pessoas ao museu. Idosos, adultos, estudantes e, principalmente, crianças acompanhadas das professoras, todos querendo conhecer a própria autoctoneidade.

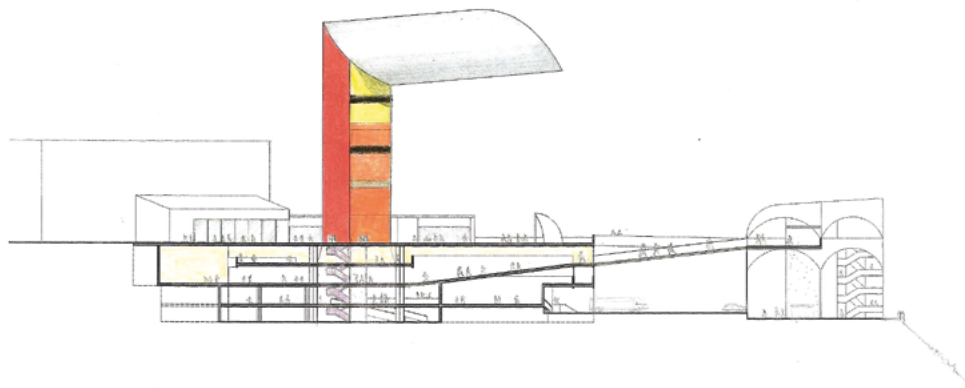
De retorno a Salvador, aquela rica experiência vivida confirmava a viabilidade teórica da ideia de um Centro de Referências.

A Bahia, berço da nossa história, terra de múltiplas expressões culturais e étnicas, de numerosas tradições, magias e artes, apoiava a certeza da realidade daquilo que, mais tarde, denominou-se Centro de Identidade Cultural (CIC).

Fundamentado na valorização da nossa história, o Centro objetiva mostrar à população as raízes da cultura e tradições, através dos modernos meios da informática, ocupando o espaço de uma edificação própria.

TORRE DA PRAÇA

CORTE LONGITUDINAL



CENTRO DE IDENTIDADE CULTURAL DA CIDADE

ANTEPROJETO - ESC. 1/500

Figura 22

Croqui da fachada idealizada por Assis Reis para o CIC
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

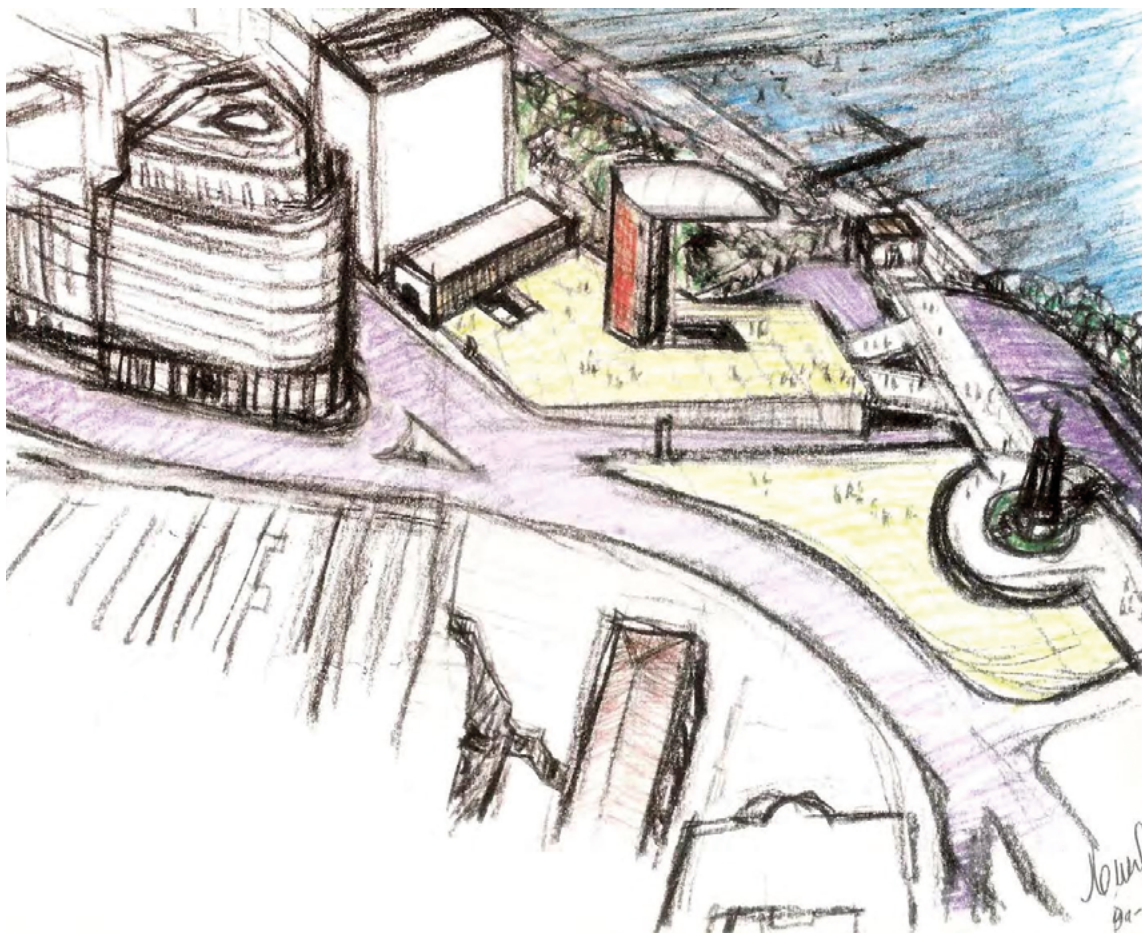


Figura 23

Rascunho do projeto para o CIC elaborado por Assis Reis
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

A revista AU, em outubro/novembro de 1986, publicou o pré-programa e as ilustrações pertinentes do corpo do CIC.

Diferentemente dos tradicionais museus, todos os espaços serão dinâmicos, de transformações e utilizações, apoiados pela potencialidade da internet; com os quadros de animação concentrados na história e cultura em busca da identidade.

Como exemplos das mostragens, além de outras, cita-se o célebre Padre Antônio Vieira com suas pregações revolucionárias. Nos modelos reduzidos da cidade, focos luminosos, dirigidos a locais específicos, terão narrativas explicitando origens e valores. Também poderemos nos deparar com as telas dispostas diametralmente e nos sentir envolvidos por todos os orixás, cujas imagens coloridas e em movimento traduzirão, do modo mais real possível, a força da dança religiosa da cultura negra.

Obviamente, esta obra deveria estar no núcleo histórico da cidade do Salvador.

Grande alegria... a Praça Castro Alves mostrava-se atrativa. Logo se inicia a visualização da ambiência da praça, constituída de topografia côncava, com a metade da sua beirada ocupada pelas construções da cidade pré-existente, alinhavada pelas vias tradicionais; a outra metade é o vazio abismal voltado à Baía de Todos os Santos.

Diante do contexto, inesperadamente, a imaginação amolda, transforma e adapta, na Praça Castro Alves, a proposta do Pavilhão Brasileiro para a Expo 70, como se fosse o novo Centro de Identidade Cultural da Cidade do Salvador; fato que exigiu maior reflexão analítica do autoplágio acontecido.

O Pavilhão Brasileiro de Exposição não foi construído. O conteúdo do programa, sua finalidade e compromisso simbólico são componentes da mesma origem e razão de ser do CIC. Também o Pavilhão Brasileiro de Exposição, enquanto obra simbólica, sempre expressa eterno rejuvenescimento, lembrando o personagem Dorian Gray – que nunca envelhecia – do livro de Oscar Wilde. Neste conjunto, acrescento despretensiosamente a opinião que o urbanista, arquiteto e professor Flávio Ferreira – ex-secretário de Urbanismo do Rio de Janeiro – citou recente-

mente em aulas: “O Pavilhão Brasileiro proposto pela Bahia, se tivesse sido construído à época, mudaria o rumo da Arquitetura brasileira”.

Tudo isso afiança a intelectual ética do autoplágio proposto para o Centro de Identidade Cultural do Salvador.



Figura 24

Planta de localização do CIC elaborada por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

Este projeto, atraído pela extensa área livre remanescente de construções aruinadas, convida, como local, ao processo de implantação de todo o programa estudado para a nova edificação pretendida. Separado pela Ladeira da Montanha e articulado pela passagem de nível com a Praça Castro Alves, o sítio se estende e forma um comprido patamar que deflete, à esquerda, duas rampas articuladas ao piso da nova praça. Entre elas, uma larga faixa mergulha em rampa e faz contato com a recepção da entrada do CIC no segundo pavimento em subsolo.

O nível da nova praça, voltada para o céu, será um espaço destinado às manifestações populares, que se alternarão apresentando diversas mostragens – como as filarmônicas dos municípios, arena para apresentações, pódio para as contestações populares, área de apresentação de capoeira, exposição de artesanatos populares –, apoiadas por um restaurante que se agarra ao pequeno volume da Administração – localizada no extremo da praça, junto à entrada de veículos, pela Rua Carlos Gomes, que conduz aos estacionamentos internos – e por todos os serviços necessários à funcionalidade e proteção do Centro.

Sobre esta praça-plataforma, uma torre simbólica referenciada às carrancas de proa das embarcações do Rio São Francisco – para espantar entidades pluviais legendárias – ou então, o que mais gosto, ao símbolo urbano da cidade, o Elevador Lacerda, com extrema força social, articulando as duas Cidades, a Alta e a Baixa. Esta torre contém dois espaços – vertical e horizontal – conectados por dois elevadores e escada que ascendem pelo espaço vertical, intervalado por rápidas projeções sobre o cotidiano do “Salvador de Ontem”. Alcançado, o espaço horizontal precipitado do ápice do cone é destinado ao mirante e a exposições sobre o cotidiano do “Salvador de Hoje”.

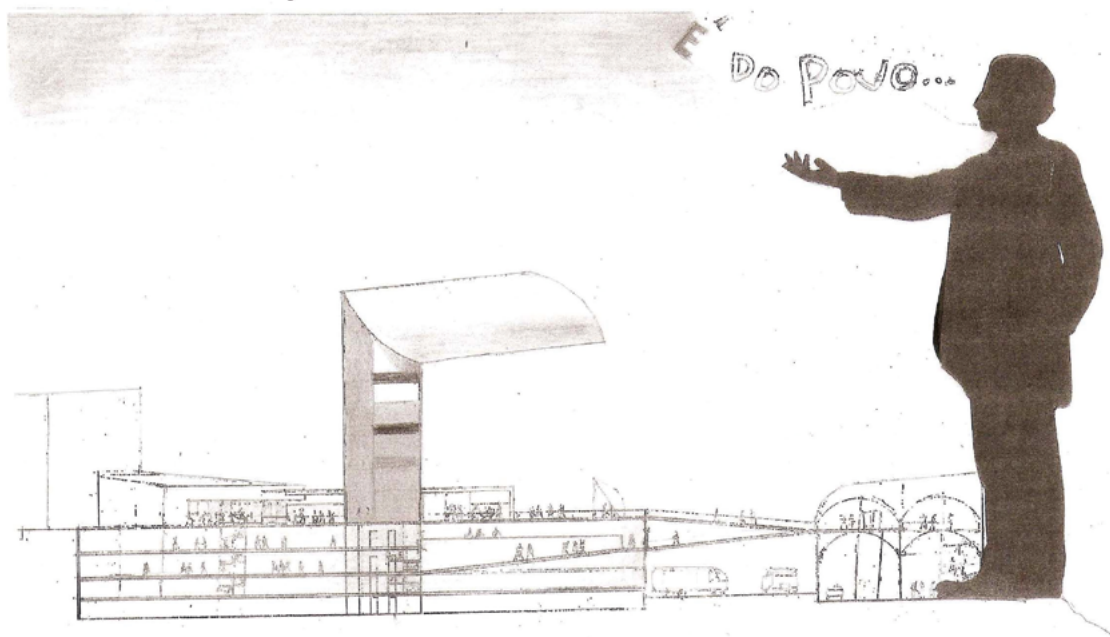
Abaixo da praça-plataforma, estão os pavimentos em subsolos, contendo todo o programa do Centro de Identidade. O primeiro subsolo é destinado à pesquisa e contém auditório, lanchonete, biblioteca e arquivos, entre outros espaços.

O segundo subsolo é destinado a exposições sobre a cultura baiana, ainda destacando-se os modelos reduzidos da cidade e do Recôncavo Baiano, salas destinadas a personagens ilustres do Salvador – com suas oratórias – e exposições de artesanato do Recôncavo.

No final do segmento da passagem de nível, dois elevadores e escadas descendentes articulam o largo, embaixo, onde se encontram a estação do bondinho e serviços de conforto, miradouro à Baía de Todos os Santos, praça de estacionamento e manobras dos veículos para o embarque e desembarque do almoxarifado, e serviços gerais, tudo articulado com o espaço de extensão das bocas de saída e entrada das ladeiras, Montanha e Conceição, respectivamente.

Todo o conjunto dessa obra, com o *charriot* ou plano inclinado, articula o Centro à Cidade Baixa. Este trabalho, pelo ineditismo e valores intrínsecos, lúdicos ou imaginários, às vezes nômades, representa a melhor página das minhas concepções.

TORRE DA PRAÇA



CENTRO DE IDENTIDADE CULTURAL DA CIDADE

Figura 25

Corte esquemático do CIC elaborado por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

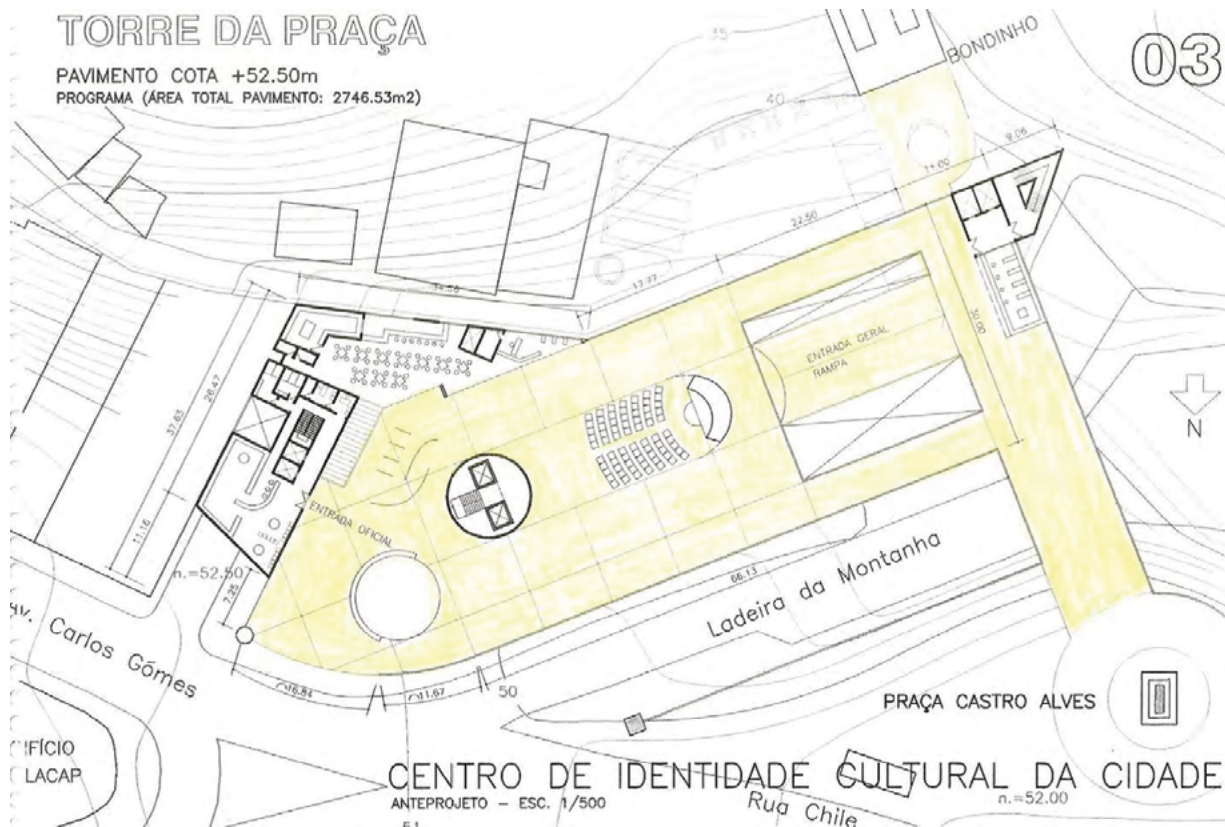


Figura 26

Planta do CIC (nível +52.50m), elaborada por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza
 Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

PLANTA DA PRAÇA-PLATAFORMA

Em destaque, a ponte de ligação com a Praça Castro Alves que passa por cima da Ladeira da Montanha. Na mesma planta se localizam o ingresso do edifício administrativo do conjunto, restaurante, elevadores que levam ao espaço horizontal da torre, áreas de exposições ao ar livre, ingressos às áreas de exposições através da rampa e a estação do bondinho que liga a praça com a Cidade Baixa.

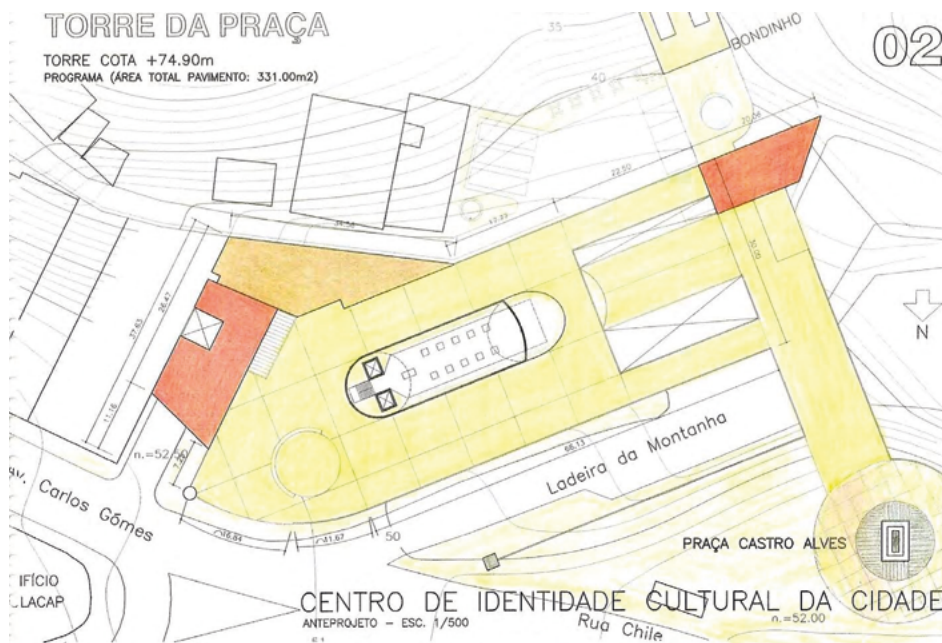


Figura 27

Planta do CIC (nível 74.90m), elaborada por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

PLANTA DO ESPAÇO HORIZONTAL DA TORRE

O acesso a esta planta se dá através dos elevadores localizados na praça-plataforma. No percurso até a torre se localizam imagens que lembram a nossa história. O espaço principal se destina a exposições temporais e permite uma magnífica vista da Baía de Todos os Santos.



Figura 28

Planta do CIC (nível 49.50m, Primeiro Subsolo), elaborada por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figura 29

Planta do CIC (nível 46.50m, Segundo Subsolo), elaborada por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

TORRE DA PRAÇA

PAVIMENTO COTA +43.50m

PROGRAMA (ÁREA TOTAL PAVIMENTO: 1878,78m²)

1. MEDIDORES	-	12,65m ²	9. CARGA/DESCARGA	-	54,38m ²
2. CASA DE FORÇA	-	32,94m ²	10. SEGURANÇA	-	30,43m ²
3. HALL	-	39,53m ²	11. HALL	-	10,44m ²
4. REPAROS	-	45,83m ²	12. SANITÁRIO	-	41,21m ²
5. AR. CONDICIONADO	-	32,92m ²	13. REFEITÓRIO	-	82,84m ²
6. DEPÓSITO	-	128,92m ²	14. DISPONÍVEL	-	10,99m ²
7. SANITÁRIOS FUNC.	-	4,23m ²	MUROS, CIRC. E VAGAS	-	1.349,01m ²
8. DEPÓSITO	-	2,46m ²	34 VAGAS (8 PRESAS)		



Figura 30

Planta do CIC (nível 43.50m, Terceiro Subsolo), elaborada por Assis Reis e José Carlos Huapaya Espinoza
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

PLANTAS DO PRIMEIRO, SEGUNDO E TERCEIRO SUBSOLOS

As três plantas do subsolo se desenvolvem da seguinte forma: a primeira destina-se a salas de pesquisas, auditórios, biblioteca, sala de leitura etc.; na segunda encontramos todas as salas para exposições permanentes, incluindo as maquetes da cidade de Salvador e do Recôncavo Baiano, entre outras; no último subsolo se localizam as áreas técnicas, depósitos, estacionamentos de funcionários etc.

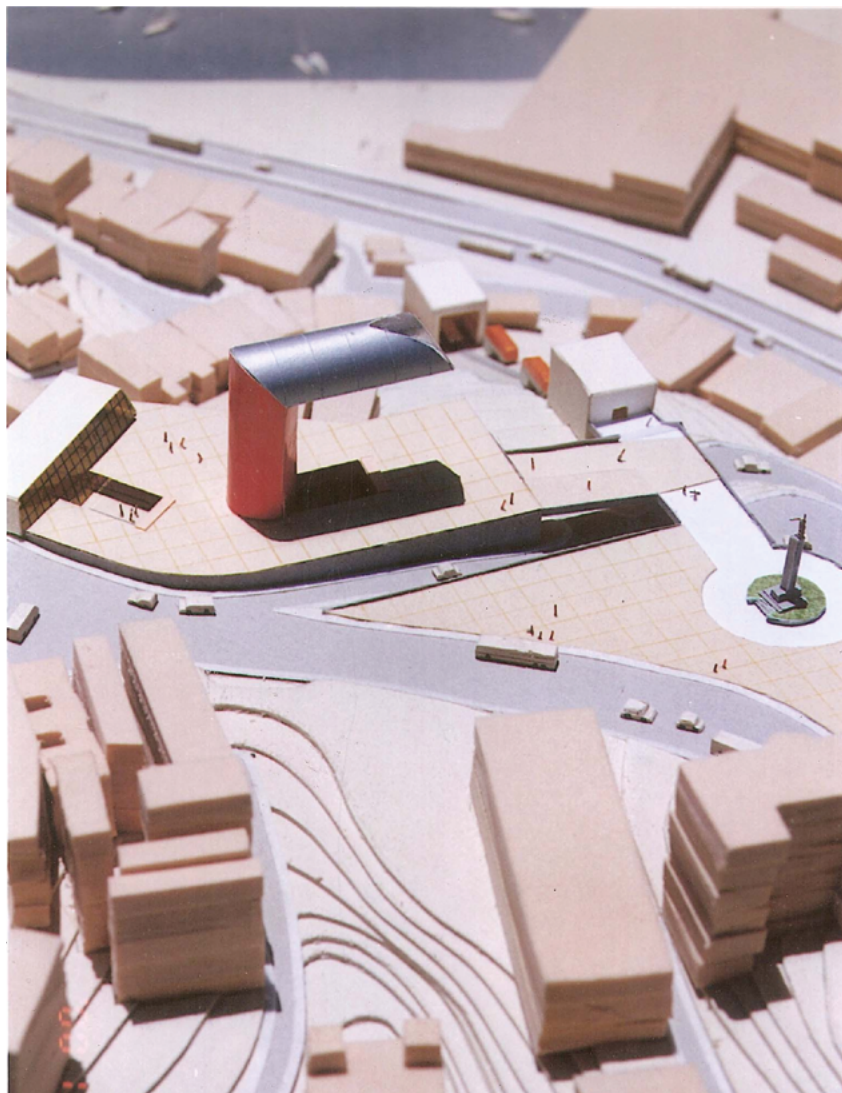


Figura 31

Vista aérea do CIC desde a Barroquinha. Ao lado esquerdo, localiza-se o edifício administrativo; ao lado direito, a ligação da praça-plataforma com a Praça Castro Alves e o acesso ao bondinho; e, em destaque, a torre colorida com seu grande vão. Elaboração da maquete: arq. Maurício Lins
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.



Figura 32

Vista aérea do CIC desde o lado oposto à Barroquinha. Ao lado esquerdo e acima, localiza-se a Rua Chile. A plataforma de ligação com a Praça Castro Alves cria um eixo que serve como elemento de ligação com a praça-plataforma e a estação do bondinho que conecta a Cidade Alta com a Baixa, permitindo uma grande circulação de pedestres. Elaboração da maquete: arq. Maurício Lins
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

No segundo andar do futuro CIC, a maquete da cidade do Salvador ficará em exposição permanente e, com o auxílio dela, a história da cidade com os seus principais marcos históricos ficará exposta ao alcance de todos que a visitarem.

Do alto, foco luminoso incide sobre o Cabo de Santo Antônio, entrada da Baía de Todos os Santos, marcado pelo Forte da Barra.

Visitantes, nas passarelas suspensas, assistem à explanação sobre a formação e as expansões da cidade do Salvador, suas causas e resultados.

Nesta configuração urbana, são evidenciados os principais marcos históricos.

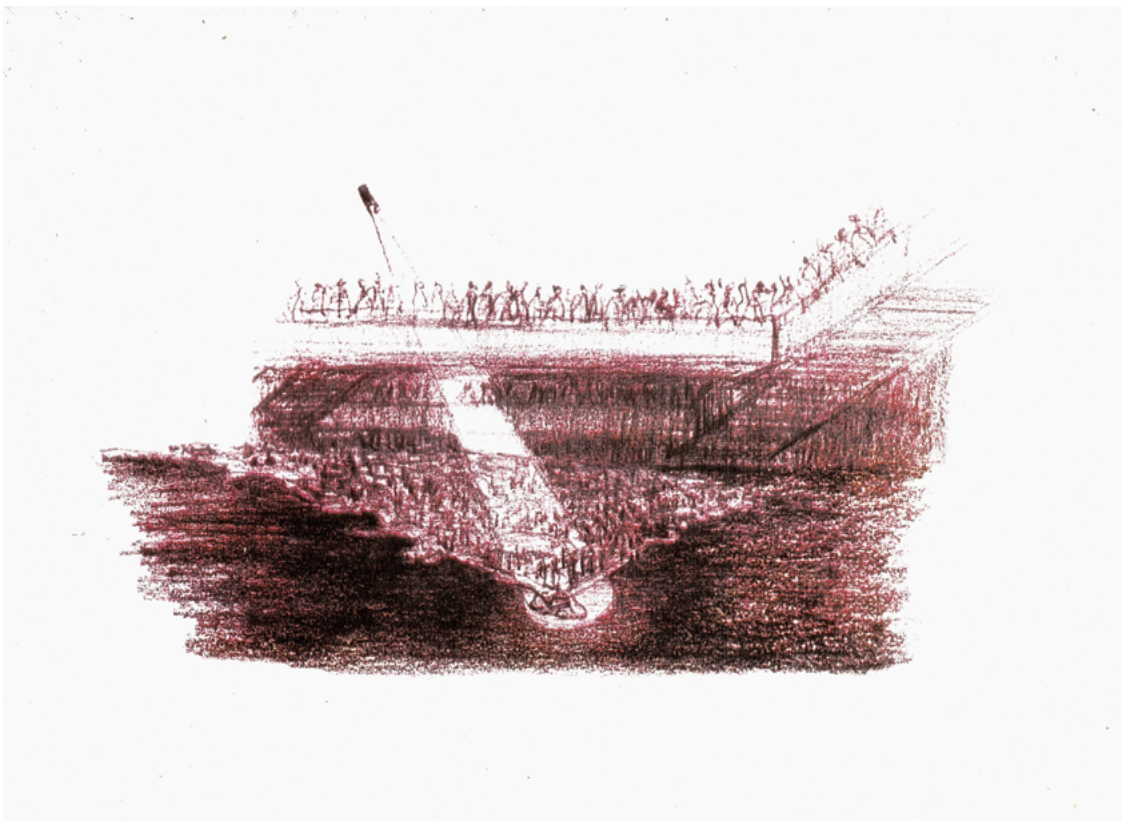


Figura 33

Rascunho de Assis Reis mostrando as propostas para iluminação da Maquete da Cidade do Salvador no CIC
Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

ESPAÇO TÉRREO DESTINADO A MANIFESTAÇÕES AO VIVO

À direita, a filarmônica de Cachoeira em concerto; à esquerda, a escultura de Antônio Conselheiro de Mario Cravo; atrás, apreciadores e curiosos; e mais ao fundo, a tribuna livre com participação popular.

Diferentes eventos e interesses se sucedem. No último plano, vê-se a Ilha de Itaparica do imenso golfo.

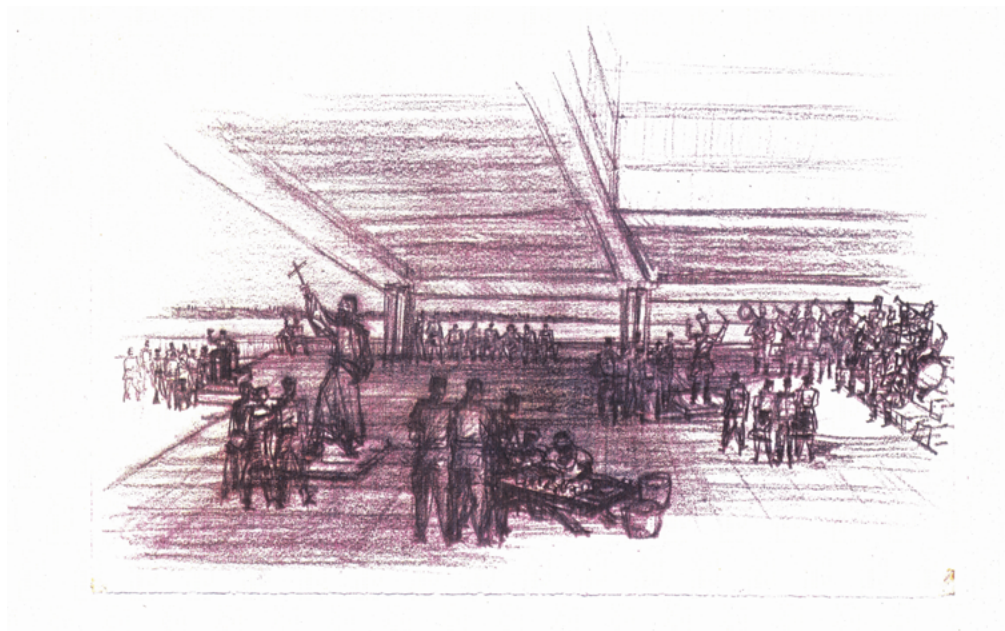


Figura 34

Rascunho de Assis Reis mostrando a utilização do CIC no térreo

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

Espaço no primeiro subsolo destinado a exposições de elementos da cultura negra, um dos pilares da formação cultural da cidade do Salvador.

Sistema de multivisão, projetado sobre planos em movimento, envolve o espectador com a presença ilusória dos sagrados orixás da cultura negra, sua expressão, ritmo e magia.

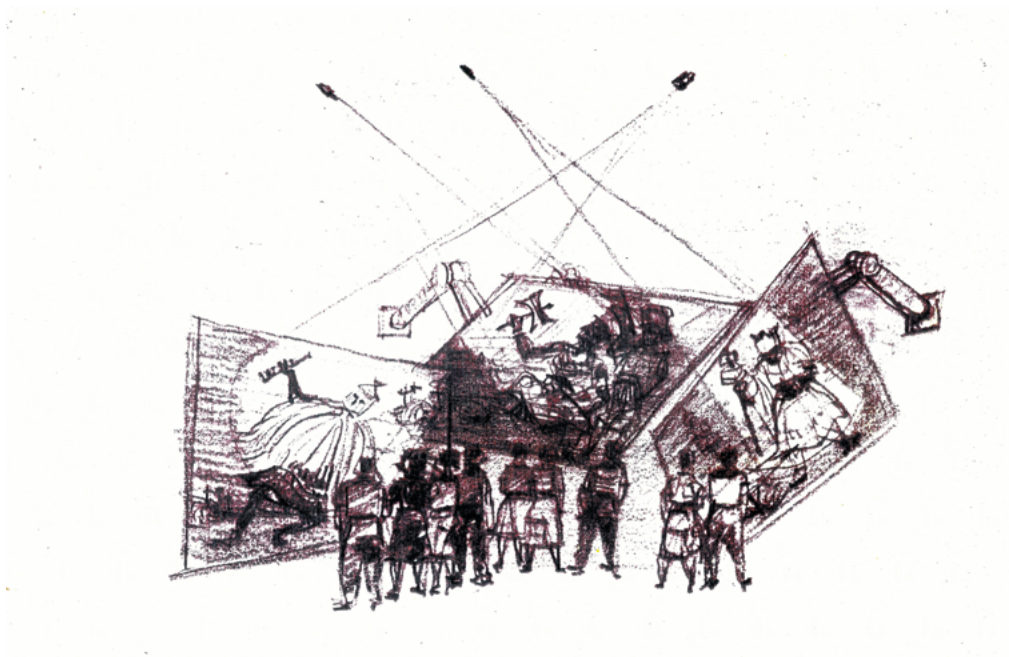


Figura 35

Rascunho de Assis Reis mostrando o tipo e formas de exposição no CIC

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

SALA DE EXPOSIÇÃO NO SEGUNDO SUBSOLO

Uma sala escura. Sons especiais e um feixe de luz fazem surgir, paulatinamente, o busto do padre Antônio Vieira. Reconhecido pelos presentes, este jesuíta, movimentando-se através de efeitos eletrônicos, profere seus célebres sermões.



Figura 36

Rascunho de Assis Reis mostrando o tipo e formas de exposição no CIC.

Fonte: arquivo pessoal de Assis Reis.

Formato: 20 x 20 cm
Fontes: Source Sans Pro
Extensão Digital: PDF

JOSÉ CARLOS HUAPAYA ESPINOZA é Arquiteto e urbanista pela Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes de la Universidad Nacional de Ingeniería (FAUA-UNI). Mestre e doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU/UFBA); realizou estágios de pós-doutorado nessa mesma instituição e no Departamento di Architettura da Università di Bologna. É professor na Faculdade de Arquitetura da UFBA e professor permanente no PPGAU/UFBA.

MÁRCIA SILVA DOS REIS é Arquiteta pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Conservação e Restauração de Monumentos Históricos (MPCECRE/UFBA), e é doutoranda nessa mesma instituição. Fez Estágio Doutoral (PDSE-CAPEs), realizado na École Polytechnique Federale de Lausanne, Suíça, na pesquisa Vazios Construídos. Atualmente é professora da Universidade Salvador (Unifacs) e na Universidade Católica de Salvador (Ucsal). Faz parte de um grupo de pesquisa Projeto, Cidade e Memória na UFBA, voltado para o estudo da arquitetura moderna na Bahia. Atuou como sócia-arquiteta juntamente com o arquiteto Assis Reis, onde desenvolveu projetos nas áreas públicas e privada. Foi diretora do Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento da Bahia e Conselheira suplente no Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-Ba), onde atualmente é Conselheira Titular.

A *Trilogia Assis Reis* constitui-se em um conjunto de obras selecionadas pelo arquiteto Assis Reis. Esses projetos, para ele, refletiam a síntese e a autorreflexão sobre parte de sua extensa produção arquitetônica e urbanística desenvolvida em Salvador. O primeiro livro é dedicado a suas propostas voltadas para o espaço urbano, especificamente traduzidas em uma série de projetos para reforma de diversas praças na cidade. O segundo livro, que traz à tona sua preocupação pela cultura soteropolitana e a importância dessa questão como forma de identificação com a cidade, trata da proposta não concretizada para o Centro de Identidade Cultural para Salvador e de uma de suas obras mais importantes, o Modelo Reduzido da Cidade de Salvador. O terceiro livro é dedicado à sua obra magna: a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf).



FMLF
Fundação
Mário Leal Ferreira

Secretaria de
Desenvolvimento
Urbano

